

TENDA DOS MILAGRES: INTOLERÂNCIA E AUTORITARISMO NAS NARRATIVAS DE JORGE AMADO E NELSON PEREIRA DOS SANTOS

LUCIANE FARIAS CABREIRA¹; JOÃO MANUEL DOS SANTOS CUNHA²

¹Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras – mestranda em Letras, Área de concentração em Literatura Comparada – luciane.cabreira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras - Literatura Comparada, orientador – profjoaomanuel@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo constitui-se como resultado parcial da investigação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Letras, Área de Concentração em Literatura Comparada, para a produção da dissertação intitulada “Tenda dos milagres em (dois) tempos de autoritarismo: as marcas da intolerância nas narrativas de Jorge Amado e Nelson Pereira dos Santos”. Trata-se de relato conciso das estratégias de pesquisa e das conclusões a que se chegou a partir da análise comparada da obra *Tenda dos milagres* (1969), do escritor Jorge Amado, e da tradução fílmica, de mesmo título, do cineasta Nelson Pereira dos Santos (1977).

O romance *Tenda dos milagres* narra a história de Pedro Archanjo, mestiço nomeado bedel da Faculdade de Medicina da Bahia em 1900. Autodidata, escreve e publica quatro livros que tratam sobre a cultura local e particularmente afro-brasileira, abordando temas como identidade, usos e costumes, mestiçagem e culinária. Suas obras vão de encontro às idéias elitizadas e hegemônicas sobre a prevalência da raça branca, disseminadas pela sociedade baiana da época. O personagem sofre discriminação racial e intelectual, e suas obras são relegadas ao ostracismo. O resgate da vida e obra de Pedro Archanjo é promovido vinte e cinco anos após sua morte, a partir da intervenção de um professor norte-americano interessado em saber mais sobre aquele homem “[...] de ideias profundas e generosas, um criador de humanismo [...]” (AMADO, N/D, p. 16). Em Salvador, Fausto Pena, poeta e bacharel em ciências sociais, é o narrador, contratado pelo norte-americano para efetuar a pesquisa sobre o baiano até então desconhecido, além de responsável pelo relato acerca dos desdobramentos da redescoberta do personagem, de sua obra e de sua posição ideológica face às questões sociais e políticas de seu tempo. Publicado em 1969, em pleno período da ditadura pós-golpe civil-militar de 1964, o texto foi transcriado em filme para cinema, em 1977, pelo cineasta Nelson Pereira dos Santos, ainda durante o período discricionário em que o país vivia sob a égide dos generais ditadores. Ao contar as histórias de Pedro Archanjo e de Fausto Pena, o cineasta localiza a narrativa no tempo presente da história do país; ou seja, na década dos anos setenta, tempos da “ditadura escancarada” (GASPARI, 2002).

A presente investigação tem como foco a análise contrastiva de livro e filme, buscando averiguar o alcance da leitura produzida pelo cineasta, levando em conta o contexto em que ambas as obras foram produzidas e circularam no país, ou seja, verificar como questões relativas a autoritarismo, discriminação, violência, perseguição ideológica e política foram equacionadas em narrativa de ficção pelos dois autores. Desse modo, a pesquisa não está centrada na discussão teórica acerca das relações entre literatura e cinema, mas na reflexão sobre o modo pelo

qual as narrativas, ainda que formatadas por meio de diferentes linguagens estéticas, contribuíram para a leitura da história recente do país, em discurso elaborado durante o próprio tempo histórico em que a nação estava amordaçada pela censura, pelo terror ideológico, pela intolerância e pela repressão social em todos os níveis da vida pública e privada.

2. METODOLOGIA

A metodologia que instrumentaliza a pesquisa é própria dos estudos em literatura comparada que lidam com a análise contrastiva de textualidades vistas em contextualização histórica e cultural, alicerçada pelas teorias da intertextualidade (Julia Kristeva, 1969; Roland Barthes, 1970; Tiphaine Samoyault, 2008) e transtextualidade (Gérard Genette, 1982), bem como por constructos teóricos que tratam das relações entre as linguagens fílmica e literária (Christian Metz, 1980; Linda Hutcheon, 2013).

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A investigação em curso teve como ponto de partida a análise da transposição do texto literário para o fílmico, considerando a natureza formalmente diversa dessas linguagens narrativas. Foram analisados os respectivos contextos – estético, histórico, cultural e político –, bem como as estratégias mobilizadas pelo cineasta para que seu projeto fosse além da mera “adaptação” fílmica para texto literário. A hipótese a ser comprovada, nesse sentido, é a de que o cineasta, mais do que ler num outro código estético o texto de Jorge Amado, buscou falar, a partir da história literária reinventada por imagens, de um país sob regime autoritário e amordaçado pela censura institucionalizada.

O *corpus* ficcional foi determinante do caráter interdisciplinar da investigação: foram mobilizados conceitos de diversas áreas do saber, para que se pudesse estabelecer as relações intertextuais entre as duas obras. No campo da teoria fílmica, Christian Metz afirma que todo filme é texto enquanto discurso significativo, “um discurso fechado, que só permite ser encarado ‘como uma linguagem’ em seu todo, ou então, não pode ser encarado como tal” (METZ, 1980, p. 16). Por outro lado, deve-se atentar para o fato de que, sendo o filme produto de linguagem, é também texto. Desse modo, as noções de intertextualidade tornam-se eficazes para a investigação, pois permitem que se compreenda a existência de um cruzamento textual de “enunciados tomados de outros textos” (KRISTEVA apud SAMOYAUULT, 2008, p. 15). Roland Barthes, por sua vez, afirma que “todo texto é um tecido novo de citações passadas” (apud SAMOYAUULT, 2008, p. 23). Ainda é de Barthes a afirmação de que “[...] esse novo tecido não é por si só plural, resultante de citações, mas que há de se considerar o *eu* leitor, o qual já é ele mesmo uma pluralidade de outros textos, de códigos infinitos [...]” (BARTHES, 1992, p. 44). O fato é que as obras são sempre criadas e recebidas por pessoas, e é essa condição experiencial que, segundo Linda Hutcheon, “[...] permite o estudo de uma *política* da intertextualidade” (HUTCHEON, 2013, p. 12). Nesse contexto de linguagens, textos e pessoas, em que a relação entre textos pode ser vista como uma rede de textualidades, Gérard Genette propõe o termo transtextualidade, definido como “tudo que o coloca [o texto] em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (GENETTE, 2006, p. 7). No que se refere à transposição de uma narrativa do sistema literário para o fílmico, o que se considera é que, para além de tradução

formal intersemiótica, ou seja, “[...] interpretação dos signos verbais por meio de sistema de signos não verbais” (JAKOBSON apud PLAZA, 2008, p. 11), o que se produz é texto novo, com a marca incontornável do condutor criativo no processo de tradução interlinguagens, nesse caso, do cineasta. Considerando essas premissas, a investigação em curso, no entanto, não poderia deixar de investir na análise do contexto – o da ditadura pós-golpe de 1964 – em que ambos os textos foram produzidos. Para isso, foi necessário recorrer a outros campos do conhecimento como o da História, da Antropologia e da Sociologia, na busca pelo entendimento quanto às marcas da intolerância religiosa, um dos temas fulcrais tanto da obra literária como da fílmica. Ainda do ponto de vista do contexto sociopolítico – o da ditadura – foi necessário rever, documentalmente, os fatos da história recente do país, período de opressão em que foram recorrentes práticas autoritárias, com a violação dos direitos humanos, das liberdades democráticas e cerceamento da expressão individual. Outro aspecto a considerar, com relação ao autoritarismo vigente no país – e que remonta à própria formação cultural brasileira – é o da discriminação racial, com consequências sociais e culturais de monta e que são exacerbadas em período de exceção, quando são suprimidas as prerrogativas individuais. Tais fatores são fartamente expostos tanto no romance de Jorge Amado quanto no filme de Nelson Pereira dos Santos. A diferença reside, no entanto, no fato de que, ao ler o romance, o cineasta contextualiza os fatos históricos para falar, ainda que de forma alegórica e metaforicamente alusiva, de um outro tempo: o tempo presente da narrativa fílmica e o tempo presente de um país sob ditadura. Essa é a tese que se busca comprovar com a investigação em andamento.

Até o estágio atual da pesquisa, que se encaminha para a elaboração de conclusões, já é possível considerar como resultado da discussão assertivas que podem ser resumidas em torno de duas ideias complementares:

Primeira: apesar das narrativas terem sido elaboradas por meio de diferentes linguagens estéticas, ambas expõem a realidade de um país que teve o projeto de liberdade e igualdade tolhido pela intolerância religiosa, pela repressão social e política em contextos históricos distintos, mas inseridos em um mesmo período – o da ditadura militar; ainda: a leitura crítica efetivada pelo cineasta revela que práticas como a discriminação e a perseguição política e ideológica, ainda que remontem ao início do século XIX, foram exacerbadas durante o regime discricionário pós-64.

Segunda: a narrativa fílmica pode ser vista como leitura crítica que permitiu expor e denunciar, de forma simbólica, o estado de violência e autoritarismo vigentes no Brasil no período em que o filme foi criado e em que circulou nas telas de cinema. Um dos alvos da crítica do cineasta é, justamente, a intolerância cultural imposta à classe dos diretores de cinema nacionais, prejudicados pela inércia de organizações do governo que desprezavam a cultura local dentro do seu próprio território. Esse aspecto do discurso do cineasta é fundamental para que se compreenda o alcance de seu esforço em falar do presente para o presente, quando inventa um personagem cineasta que, ainda que não presente no livro, busca recuperar os fatos históricos com a produção de um filme sobre Pedro Archanjo. A estratégia formal de criar um “filme dentro do filme” (ANDRADE, 1999) permitiu ao diretor expor a situação cultural do país, num momento em que a estatal Embrafilme, montada pela ditadura, ditava normas e controlava a produção e a circulação da produção fílmica nacional. Esse artifício metalinguístico possibilitou a recuperação não só da história pregressa de perseguição cultural e religiosa, como serviu para que o narrador fílmico colocasse em cena fatos sobre o estado de exceção vivido no Brasil, os quais, de forma direta, não poderiam ser mostrados em suas imagens. A

invenção do cineasta induz o espectador a perceber que a narrativa principal está sendo elaborada à medida que a trama se desenvolve diante de seus olhos. Dessa forma, a eficácia do estratagema narrativo é fundamental para que o espectador possa concluir sobre a natureza da história que se está narrando.

4. CONCLUSÕES

Com base nas evidências encontradas com a leitura contrastiva das duas obras, é possível constatar que Nelson Pereira dos Santos atualiza a obra literária, não só apontando para o contexto de intolerância e autoritarismo, mas também abordando questões de cunho histórico, político e social, recorrentes na formação da sociedade e que sustentam o imaginário cultural brasileiro. Nesse aspecto, interpretar os dois textos em intersecção reforça a hipótese inicial da investigação quanto ao fato de que o cineasta, lendo Jorge Amado, o que fez foi ler criticamente o país em que vivia, ao mesmo tempo em que filmava a sua *Tenda dos milagres*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. São Paulo: Martins Editora, Ano N/D.
- ANDRADE, Ana Lucia. **O filme dentro do filme**. Belo Horizonte, Ed. EDUFMG, 1999.
- BARTHES, Roland. **S/Z**. Tradução: Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. 2a. ed. Tradução: André Cechinel. Florianópolis: EDUFSC, 2013.
- METZ, Christian. **Linguagem e cinema**. Tradução: Marilda Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Tradução: Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- TENDA DOS MILAGRES**. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Produção: Ney Sant'Anna. Roteiro: Nelson Pereira dos Santos. Fotografia: Hélio Silva. Trilha Sonora: Gilberto Gil. Rio de Janeiro, 1977. Regina Filmes. Drama. Disc, 132 min, col., DVD. Digital Versatil Disc.